



barraco onde funcionava a associação de moradores, que distribui os tickets do leite, é hoje o comitê eleitoral dos candidatos Walter Rodrigues e Délio Braz, do PMDB de Goiás, que apóiam o senador Henrique Santillo, candidato ao Governo Estadual. A presidente da associação dos moradores do Pedregal (município de Luziânia), Júlia Gianini, é cabo eleitoral e defende com unhas e dentes o PMDB goiano. Os tickets do leite começaram a ser distribuídos no último dia 4, mas Júlia nega que esteja utilizando o Programa Nacional do Leite para fazer campanha eleitoral.

“Eu não faço política com o leite, tanto que mudei a sede da associação. O meu trabalho é por amor ao povo, à natureza. Luto pelo PMDB e vou continuar lutando, mas não pretendo ser candidata. Sou Sarney e trabalho em cima do programa da Nova República”. As declarações são de Júlia Gianini, defendendo-se das acusações feitas pelos moradores que vão desde a utilização política do leite à exigência de pagamento de mensalidade à associação para que a pessoa possa ser inscrita no programa.

União dos Proprietários e Moradores do Parque Estrela D'Alva VI é o nome da associação presidida por Júlia de Souza Gianini, no bairro mais conhecido por Pedregal, no entorno do Distrito Federal, já no Estado de Goiás. Ela diz que a associação existe há bastante tempo, mas só foi registrada em março deste ano. Somente agora, em outubro, conseguiu a primeira quota de leite para distribuição entre 100 famílias carentes do Pedregal.

SÓCIOS ESPECIAIS

Grávida e com três filhos

Associação vira comitê eleitoral

pequenos, Maria Batista mora num barraco de tábuas ali perto. Ela diz que desistiu de tentar conseguir o leite depois de ir a vários lugares, inclusive ao Novo Gama. “A Júlia, dona da associação, pediu para levar os documentos e mais 5 cruzados por mês, mas eu não vou pagar porque esses 5 cruzados eu posso de vez em quando comprar o leite”.

Outras mulheres, como Tereza dos Santos, também disseram que a inscrição para o programa do leite só é feita com o pagamento da mensalidade e que, além disso, somente os sócios mais antigos foram beneficiados. Eva Ribeiro, que tem três filhos, contou que fez a inscrição em setembro, mas foi informada de que só começará a receber o leite em maio do próximo ano.

No comitê eleitoral, Júlia explicou que a mensalidade é cobrada para garantir as despesas da associação. Os sócios comuns pagam cinco cruzados e os especiais, que são as mulheres que participam do curso de corte e costura, pagam 10 cruzados por mês.

Júlia diz que devia cobrar mais “porque o dinheiro não dá para nada”, tanto que resolveu ceder o barraco da associação, que alugava por 300 cruzados, para o comitê do PMDB. Ela afirma, orgulhosa, que sua associação tem em caixa Cz\$ 500 cruzados e que está construindo uma nova se-

de ao lado do comitê. O terreno, que é o mesmo do comitê, Júlia contou que foi uma doação da Prefeitura de Luziânia - só que antes ela havia declarado que pagava aluguel do barraco.

A distribuição do leite também envolve histórias de espancamentos e ameaças. Nervosa e falando muito, a presidente da associação repetiu várias vezes que o programa do leite só lhe trouxe aborrecimentos. “Fui humilhada, me bateram, tudo porque o leite não deu” lamentou Júlia, mostrando hematomas nas pernas.

A ocorrência do espancamento está registrada na Delegacia do Novo Gama, mas o acusado é desconhecido. Júlia, alegando o medo das ameaças, também não quis dizer quem foi o autor, mas garantiu que foi o marido de uma mulher que não recebeu os tickets do leite. Os tickets foram distribuídos no dia 4 deste mês e a agressão, segundo ela, aconteceu dez dias depois.

A presidente da associação do Pedregal agora tem um “segurança”, que no momento da agressão não estava por perto. “Eu pagava 20 cruzados por dia a ele, mas agora estou pagando mil cruzados por mês. Já pensou, pobre ter que pagar segurança?” - diz ela. A associação, segundo Júlia, agora funciona em sua casa, na mesma quadra do comitê, mas com todos os problemas que vêm ocorrendo até o curso de corte e costura está paralisado.

Júlia Gianini, que é balana e está no Pedregal há nove anos, também acusa alguns moradores de estarem fazendo calúnias, intrigas, tentando desestabilizar seu trabalho. “Mas eu vou continuar lutando porque quero ajudar o meu povo. Eu quero ocupar o meu espaço” afirma.